

Daniel Clós Cesar

QUADRINHOS & RELIGIÃO

CRISTIANISMO, ISLÃ E JUDAÍSMO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS



sumário

apresentação	2
quadrinhos com história... religião em quadrinhos	3
quadrinhos ou arte sequencial um brevíssimo histórico	7
quadrinhos e religião uma combinação incomum	11
ensinando com quadrinhos	19
história das religiões não é ensino religioso	23
e agora... é só desenhar?	27
atividades	33
referências bibliográficas	38
agradecimentos	40

apresentação

As pesquisas sobre história das religiões e religiosidades têm crescido muito no universo acadêmico. Na sala de aula, no entanto, ainda permanece lacunas sobre como problematizar as questões religiosas com os alunos. Para suprir parte desta dificuldade, Daniel Clós Cesar nos apresenta a obra “Quadrinhos e Religião: cristianismo, islã e judaísmo nas histórias em quadrinhos”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul – UCS, cujo objetivo centra-se na relação da utilização dos quadrinhos para o ensino de história das religiões.

As histórias em quadrinhos remetem a ideia de entretenimento e, por isto, sua utilização na educação básica possibilita o desenvolvimento de uma atividade prazerosa, que pode possibilitar grandes ganhos para a discussão do tema proposto. Apesar da seriedade de uma temática frente ao potencial de diversão da outra, religiões e quadrinhos não são temas distantes. Há tempos as tirinhas ou as narrativas de arte sequencial trazem informações, discussões e provocações sobre as questões religiosas.

Nesta obra, o autor busca instrumentalizar o professor para a discussão do tema por meio das histórias em quadrinhos. Disponibiliza informações sobre o estudo das religiões e religiosidades, sua relação com a arte sequencial e os meios de abordá-las em sala de aula. As formas de utilizar os quadrinhos são apresentadas através de instrumentalização teórica e diversas atividades. Não é proposta do autor, ensinar professores e alunos a desenhar. Isto poderia gerar a recusa do educando em participar das atividades por não possuir qualidades artísticas.

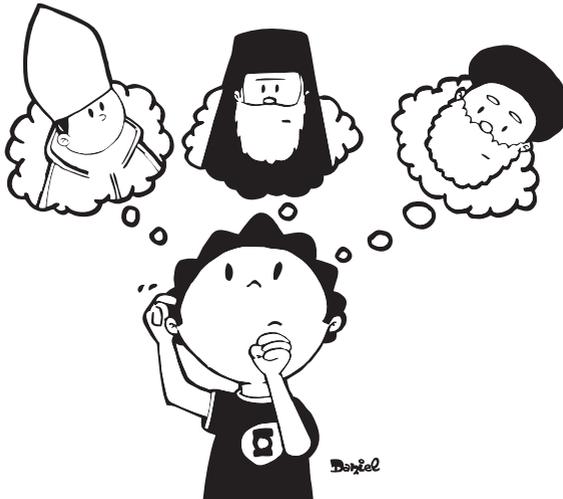
Agora que o livro está nas suas mãos, aprenda, divirta-se e acompanhe o autor nas suas reflexões e propostas para o ensino de religiões e religiosidades através dos quadrinhos.

Cristine Fortes Lia

01.

quadrinhos com história... religião em quadrinhos

Uma breve explicação



Escrever sobre história das religiões é um assunto relativamente novo, isso quando levado em conta o campo de conhecimento da História, diferente de outros campos do conhecimento como a Filosofia, a Antropologia e o da Sociologia. Mas quando atem-se ao campo da historiografia, a abordagem, principalmente nos livros didáticos, é limitada e bastante conservadora.

História das religiões é comumente confundida com ensino religioso. Ensinar história das religiões para muitos professores de história é incomodo, pois muitos tendem a ver o ensino de história das religiões como defesa de um credo ou disseminação de uma religião. O ensino de história das religiões no ensino médio e fundamental é quase inexistente. O que existe é um apanhado de pequenos quadros explicativos – que pouco ou nada explicam – sobre religiões do passado. Esses quadros e comentários encontrados nos livros didáticos vão na contramão dos temas transversais como a pluralidade cultural, pois não são utilizados para criar mecanismos

de integração e aproximação os diferentes credos, pelo contrário, apenas reforçam visões de dominação, preconceito em relação a povos onde o atraso cultural é considerada uma consequência da religião e afastamento do diferente.

Percebe-se ainda, principalmente nos livros didático, uma desconexão do ensino das religiões e religiosidades com o ensino de história. Ainda que a própria historiografia afirme, de alguma forma, profunda ligação da religião com o Estado, com o cidadão, com a cultura e como modo de vida de diferentes sociedades, ao chegar na sala de aula este conhecimento é descaracterizado e transformado em “partículas de saber” ministrados em doses desconexas.

Os livros ainda contam com comentários e quadros temáticos que fazem apenas classificações e generalizações entre povos monoteístas e politeístas, ao antropomorfismo dos deuses e um modelo que se aproxima de quadros comparativos religiosos, que por fim, acabam por premiar determinadas crenças em detrimento de outras, que na forma que são apresentadas parecem representar povos atrasados, derrotados e esquecidos. O que em seu “auge” era significativo para a construção de uma sociedade é hoje abordado como simples fato mitológico de um povo antigo e que não possui nenhuma conexão com o presente.

ENTENDA O SEPULTAMENTO ISLÂMICO

COMO DEVE SER O RITUAL

- 1 Lavagem**
O enterro deve acontecer o mais rápido possível e antes do pôr do sol: na primeira parte do ritual, o corpo é lavado para purificação.
- 2 Proteção**
Após a lavagem, é seco com uma toalha limpa e envolto por um lençol branco.
- 3 Enterro**
Coberto, o corpo deve ser enterrado com a cabeça em direção a Meca; na falta de um clérigo, a oração fúnebre deve ser conduzida por um muçulmano praticante.

APÓS A MORTE DO PRESIDENTE DA LÍBIA, GADDAFI, UM JORNAL PUBLICOU UM QUADRO 'EXPLICATIVO' DE COMO É REALIZADO O ENTERRO NO ISLÃ.

É POSSÍVEL OBSERVAR QUE EM TODA A EXPLICAÇÃO ESTÁ REPLETA DE SIGNIFICADOS RELIGIOSOS, MAS ELES NÃO SÃO DEVIDAMENTE EXPLICADOS.

Se diferente do ensino de história das religiões, o uso de HQs em sala de aula não possa ser considerado um tema relativamente novo, pois não é difícil desde a década de 1990, encontrar um bom número de títulos tratando do assunto. Apesar disso histórias em quadrinhos são vistas com bastante regularidade como uma leitura secundária, uma arte menos nobre e portanto menos importante para o ensino, seja de história, literatura ou matemática.

Imediatamente o que se observa é que, tanto o ensino da história das religiões como as histórias em quadrinhos, têm interpretações equivocadas daquilo que realmente são e podem “fazer” em sala de aula. Ensino de história das religiões não é ensino religioso.

Quanto aos quadrinhos, ainda que mesmo programas do governo e educadores tentem conceituar HQs como um “tipo” de literatura, e por consequência desse conceito, uma literatura secundária, um tipo de “iniciação para leituras mais profundas e complexas”, como afirma Ramos: “quadrinhos são quadrinhos” (2012. p. 17), logo, precisam ser vistos como uma linguagem autônoma de outras, tanto em sua criação como em sua concepção.

Ao observar diferentes ferramentas de ensino, percebe-se que as histórias em quadrinhos, por peculiaridades como: a união da imagem e do texto, a universalização de sua leitura e a possibilidade de sua produção por qualquer pessoa com um simples lápis, tornam-se uma ferramenta singular no ensino de história das religiões, pois, dialoga com a ilustração, com a literatura, com a fotografia, com o cinema etc.

Cabe também salientar algumas semelhanças dos quadrinhos com o ensino de história: são narrativas; apresentam personagens e fazem uso da imagem como ilustração do texto escrito (aqui fazendo uma distinção do texto imagem para o texto escrito). Logo, ainda que um professor de história tenha pouco acesso a histórias em quadrinhos e elas não façam parte de sua leitura cotidiana, o formato e a construção de uma HQ não é muito diferente da construção de uma narrativa histórica, uma história em quadrinhos é basicamente uma narrativa.

02. quadrinhos ou arte sequencial um brevíssimo histórico

Muito brevíssimo mesmo

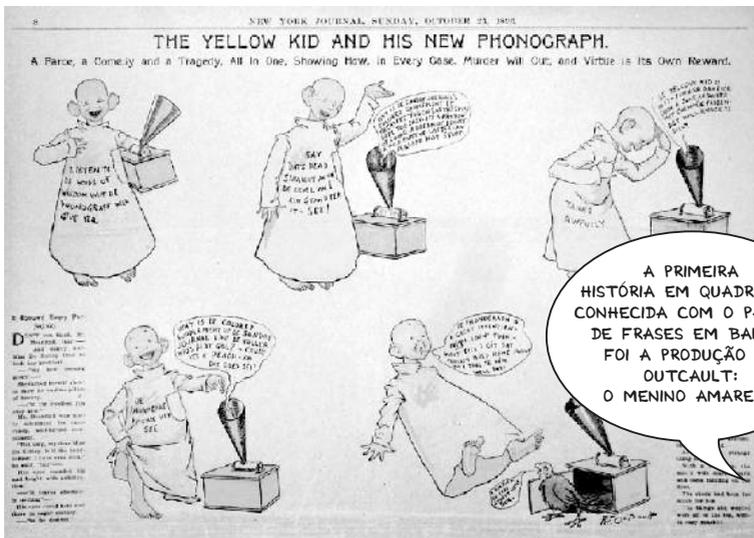


Em 1895, no extinto periódico semanal *New York World*, surgia a primeira história em quadrinhos. Um menino de pijama amarelo, que ficou conhecido como *Yellow Kid* (Menino Amarelo), tornou-se o primeiro personagem de um novo modelo de narrativa gráfica. Apesar das narrativas gráficas, como as charges, que se popularizou ainda no início do século XIX, já fossem empregadas em periódicos e publicações impressas, Richard Fenton Outcault criava pela primeira vez o modelo que hoje conhecemos como histórias em quadrinhos, dividindo a história narrada em pequenos quadros seqüenciais dispendo os textos em pequenos balões sobre os personagens.

Desde o início do século XX, as histórias em quadrinhos ocupam espaço na mídia impressa. No Brasil, os primeiros personagens de narrativas gráficas foram publicados em meados da década de 1930 pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini. Pequenas histórias que eram ilustradas por

desenhos, mas que não seguiam o padrão da história em quadrinhos criada anos mais tarde por Outcault.

As histórias em quadrinhos, diferente da charge que possuía um texto fundamentalmente voltado para o público adulto ao satirizar a sociedade, surgem voltadas para o público infantil, ainda que existissem alguns personagens como *Tarzan* e *Buck Rogers* que eram publicados na revista *Amazing Stories* tivessem objetivos pouco claros, mas eram aparentemente voltados para o público adulto. Talvez por este motivo, as histórias em quadrinhos tenham sofrido por grande parte do século XX, preconceito quanto a seu uso como obra literária e por consequência, como ferramenta de ensino e aprendizagem por educadores das mais diversas áreas de conhecimento.



The Yellow Kid and his new phonograph publicada em 25 de outubro de 1896 no New York Journal.

No final da década de 1970, começam a aparecer no Brasil os primeiros trabalhos acadêmicos que introduzem o uso das histórias em quadrinhos como instrumento de ensino e aprendizagem. Em parte, pesquisadores incentivados por diversas publicações latinas que fizeram uso das histórias em quadrinhos no combate intelectual às ditaduras sul-americanas, como a personagem Mafalda do cartunista argentino Quino, e as tiras do Pasquim de Ziraldo, Jaguar e Henfil, com personagens como Sig e o Bode Orellana.

É notável essa mudança que começa a ocorrer no final da década de 1970 e passa pelos anos de 1980. Pois, como literatura ou arte, as histórias em quadrinhos foram nos anos anteriores, alvo de inclusive políticas de Estado. Como na Itália fascista de Mussolini, onde foi proibida a publicação das histórias em quadrinhos não italianas. Nos Estados Unidos, em meados da década de 1950, uma publicação do psiquiatra Fredric Wertham intitulada *Seduction of the Innocent*, tornou-se popular no meio acadêmico estadunidense. Nela, Wertham acusava as publicações de histórias em quadrinhos como responsáveis pela delinquência infanto-juvenil e por promover ou fazer apologia ao homossexualismo, uso de drogas e a violência. Seu trabalho foi relevante nas décadas seguintes nos Estados Unidos, o maior mercado editorial de histórias em quadrinhos, levando o Senado daquele país a proibir um grande número de títulos e criar uma lista de palavras e conceitos proibidos nas publicações seguintes.

Na década de 1990, Will Eisner, célebre quadrinista estadunidense com mais de 50 anos de atividade no meio e criador de uma dezena de personagens populares nos jornais dos Estados Unidos, publicou dois livros: *Narrativas Gráficas* em 1996 (no Brasil publicado pela primeira vez em 2005) e *Quadrinhos e Arte Seqüencial* em 1985 (No Brasil publicado pela primeira vez em 1989).

Voltados inicialmente para cartunistas iniciantes, seus livros acabaram por preencher uma lacuna nos estudos sobre histórias em quadrinhos, pois, apesar de Will Eisner não ser um acadêmico, nem tampouco buscar isso com a publicação de seus livros, como quadrinista e roteirista de histórias em quadrinhos produziu dois grandes manuais que conceituaram esse formato e suas publicações tornando-se referência quando o assunto são produção e leitura de histórias em quadrinhos.

A obra de Eisner também é importante, pois seu trabalho aborda com bastante frequência o cotidiano da comunidade judaica nova iorquina do início do século XX, e a temática religiosidade é bastante explorada em seu trabalho em livros como *Contrato com Deus* e *Fagin o Judeu*, um de seus últimos trabalhos antes de falecer em 2005.

No início da década de 1990 surge um novo estilo de publicação no mercado editorial dos quadrinhos, a *Graphic Novel* (novela gráfica). Mantendo a estrutura básica das histórias em quadrinhos, com quase um século de existência, o mercado editorial amplificou o alcance das histórias em quadrinhos. Agora, publicações extensas, alguns livros com mais de quinhentas páginas e que demoram não dias, mas anos para serem publicados, ampliam também a profundidade dos assuntos abordados. Na mesma época, surge o *comics journalism* ou *graphic journalism* (jornalismo



Durante a década de 2000, o jornalista e cartunista Joe Sacco retratou a vida em Gaza, na Palestina. Notas de Gaza (2010)

em quadrinhos) tendo sua primeira publicação em 1993 com o livro *Palestina, uma nação ocupada*, do jornalista e cartunista Joe Sacco, que abordou a primeira intifada na Faixa de Gaza.

Nas duas últimas décadas tem sido realizada com grandes investimentos a transposição dos personagens dos quadrinhos para as telas do cinema. Antes disso, apenas alguns poucos filmes ousaram trazer para as salas de cinema heróis como Super-Homem ou o Incrível Hulk. Com o advento de novas tecnologias digitais, foi possível ampliar a gama de heróis e personagens dos quadrinhos que “ganharam vida” na grande tela.

Personagens antigos e muitas vezes desconhecidos do grande público, conhecidos antes apenas pelo nicho de colecionadores de histórias em quadrinhos, como Constantine, Spirit e Watchmen, tornaram-se mundialmente conhecidos, o que impactou de forma positiva o mercado editorial de quadrinhos, dando a oportunidade para o surgimento de novos escritores/cartunistas e ampliando a gama, inclusive geográfica, de novas histórias e temáticas, o que por sua vez gerou maior interesse em educadores de estudar e fazer o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula.

03.

quadrinhos e religião uma combinação incomum

É possível juntar tudo isso sim



Falar sobre a relação entre religiosidades e histórias em quadrinhos no espaço escolar, transparece a ideia de algo inusitado. Os quadrinhos, em geral, são vistos em sala de aula como uma proposta de entretenimento, como uma estratégia de flexibilização dos rigores do texto escrito. No entanto, a utilização da imagem na sala de aula não pode ser analisada sob a luz da ausência da interpretação textual; a história visual é tão texto quanto qualquer outra parte da escrita para aprendizagem.

Já na década de 1940, nos Estados Unidos, eram publicados quadrinhos de caráter educacional, como a *Real Fact Comics* e a *True Comics*, que abordavam histórias e biografias de personalidades estadunidenses e eventos históricos. Nestas primeiras publicações consideradas pela indústria dos quadrinhos como educacionais, a editora *Educational Comics*, lança a revista *Picture Stories from the Bible*, com abordagem religiosa em torno da cultura judaico-cristã. As edições contavam histórias

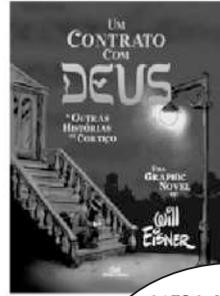
de passagens bíblicas, como a construção da arca de Noé e o dilúvio, a crucificação de Cristo e a história dos patriarcas da cultura judaico-cristã. Outras publicações consideradas educativas também eram publicadas pela mesma editora, como *Picture Stories from World History* e *Picture Stories from American History*.

O trabalho com a utilização da arte sequencial corresponde a um grande ganho para o professor e para o aluno. Em parte pelo grande volume de publicações disponíveis. A variedade de assuntos é extremamente ampla e religião é um tema recorrente. No Brasil editoras como a Luz e Vida, Paulinas-COMEP e Paulus, todas elas ligadas a instituições religiosas cristãs, apresentam um grande número de publicações. Mesmo editoras não ligadas a igrejas ou instituições religiosas lançam um grande número de obras em quadrinhos com temática religiosa.

Histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano infanto-juvenil, sendo inclusive uma leitura que continua na fase adulta, o que se constata no grande número de edições voltadas para o público adulto. Como ressalta Ramos, em uma matéria publicada para a Folha de São Paulo em 2 junho de 2014: “É o gênero mais lido entre os homens e o sétimo mais listado pelas mulheres. Especificamente entre estudantes até a quarta série, os quadrinhos são o terceiro item mais mencionado”. Assim, a estratégia da utilização dos quadrinhos como mecanismo de aprendizagem possibilita ampliar a dimensão do texto, pois em geral, as histórias em quadrinhos não sofrem rejeição ou preconceito dos seus leitores nas escolas, isto é, os alunos. Pelo contrário, é comum verificar-se em estudos sobre o uso de histórias em quadrinhos em sala de aula uma ampla aceitação e motivação dos alunos para participar das atividades.

O desenvolvimento de um método que instrumentalize ao professor essa estratégia ensinando-o não apenas como se utilizar da história serial, mas também como produzi-la é o foco deste estudo, que busca primeiro aproximar o docente da arte seqüencial, como por exemplo, de como é feita sua leitura, qual o significado das imagens e tipos nos quadrinhos e como podem ser organizados critérios para a escolha de uma história em quadrinhos para ser trabalhada em sala de aula.

Entre as publicações de quadrinhos disponíveis no mercado brasileiro, temos aquelas selecionadas pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Criado em 1997, apenas em 2006 foram selecionados por edital as primeiras histórias em quadrinhos. De um total de 225 títulos selecionados pelo Governo Federal aquele ano, 10 eram histórias em quadrinhos.



ENTRE 2006 E 2013 O MEC AGREGOU AO PROGRAMA 'BIBLIOTECA NA ESCOLA', 5 PUBLICAÇÕES QUE PODEM SER UTILIZADAS PARA ATIVIDADES DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES.



A maioria das edições ainda são estrangeiras. Alguns desses quadrinhos receberam diversos prêmios pelo mundo.

Na busca realizada nos livros publicados pelo FNDE/PNBE, não é possível encontrar um grande número de títulos que trabalham com o monoteísmo. O principal foco ou preferência das edições selecionadas pelos editais são as adaptações de obras literárias, como se pode ler no edital publicado em 2014: “Livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal, artisticamente adaptadas ao público de educação de jovens e adultos (ensino fundamental e médio).

Até 2014, o PNBE contava com 5 histórias em quadrinhos com temática religiosa: “História do Mundo em Quadrinhos” de Larry Gonick, “Deus Segundo Laerte” de Laerte Coutinho e “Um Contrato com Deus” de Will Eisner selecionados pelo edital de 2009. Em 2010 foram edições de “A Busca” de Lies Schipperse e Ruud van der Rol e “Persépolis” de Marjane Satrapi.

As publicações selecionadas pelo FNDE/PNBE são duas biografias, uma ficção, uma coletânea de tiras cômicas e um paradidático de História que aborda de forma ilustrada a “Ascensão do Mundo Árabe e a História da África”.

Por tratar-se de um número de títulos bastante restrito, foi necessário buscar no mercado nacional outras publicações para compor este trabalho. Apenas no Brasil existem mais de 900 editoras registradas que produzem histórias em quadrinhos, fazer uma busca em todas as editoras é um trabalho impossível, levando-se em conta ainda o volume da produção e a distribuição de muitas dessas obras. O objetivo deste livro não é apontar uma lista de títulos a serem trabalhados, mas sim, em algum momento, apresentar critérios qualitativos para seleção de histórias em quadrinhos que servirão para o ensino de História das Religiões.

Existe um reforço pelas instituições de ensino de base no distanciamento desse diálogo entre diferentes religiões e religiosidades, quando, o ensino da “Religião” é delegado a representantes religiosos. Tendência essa que, apesar da criação de cursos de especialização em ensino religioso independentes de correntes religiosas, mas que encontra resistência na própria Lei Nº 9.475 de 22 de Julho de 1997 que alterou a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e que, apesar de proibir o proselitismo no caput do art. 33, em seu segundo parágrafo dá margens ao domínio de determinadas correntes teológicas:

Um avanço, é claro, em relação ao texto anterior, que delegava a

§ 2º OS SISTEMAS DE ENSINO OUVIRÃO ENTIDADE CIVIL, CONSTITUÍDA PELAS DIFERENTES DENOMINAÇÕES RELIGIOSAS, PARA A DEFINIÇÃO DOS CONTEÚDOS DO ENSINO RELIGIOSO.”

entidades religiosas a elaboração do programa de ensino, mostrando claramente por parte do legislador e dos educadores, uma disposição em entender o ensino religioso como um assunto secundário, ou marginal ao ensino científico.

Mas onde as histórias em quadrinhos podem contribuir para esse diálogo? A resposta pode estar na interdisciplinaridade oferecida por esta ferramenta. Religião aparece nos Parâmetro Curriculares Nacionais nos Temas Transversais Ética e Pluralidade Cultural. Entre os objetivos dos PCNs, está a valorização da alteridade. Diferente de se fazer o uso de livros sagrados ou publicados por correntes teológicas específicas, os

quadrinhos são um produto de acesso que sofre pouca ou quase nenhuma discriminação por parte dos estudantes do ensino médio e fundamental.

Histórias em quadrinhos são interdisciplinares e já é bastante comum sua associação ao ensino de Artes, História, e Língua Portuguesa, mas elas também podem ser utilizadas no ensino de Sociologia, Filosofia e Religião. No entanto, os professores ainda carecem de materiais com metodologias para uso dos quadrinhos em sala de aula. Não são raras as publicações, mas elas ainda focam muito na interpretação do texto verbal/imagem da tiras e quadrinhos.

O objetivo é instrumentalizar o professor para não apenas trabalhar em sala de aula a interpretação, abandonando um pouco daquilo que Meneses acusa os historiadores de serem mais focados em ver a imagem apenas como fonte de informação (MENESES, 2003, p. 11) mas também cognitiva. Dessa forma, pode se ampliar para a aulas de História não apenas a interpretação, mas a criação de quadrinhos, onde é possível não ver apenas a leitura que o aluno faz uma imagem, mas também de como a constrói.

A produção de histórias em quadrinhos no ensino de História das Religiões pode levar a uma melhor compreensão da construção da cosmovisão religiosa de cada um assim como entendimento das construções feitas pelos outros. O que pode ser um mecanismo de aproximação entre as três diferentes religiões monoteístas e servir como quebra de preconceitos.

O mais popular modelo de narrativa gráfica brasileiro parece ser mesmo a charge. A charge no Brasil não só é popular, é também bastante prestigiada. Nos periódicos brasileiros a charge ocupa espaço de destaque, em geral, junto com a seção editorial do jornal. As charges dos jornais brasileiros expressão a linha editorial daquele periódico. As principais revistas e jornais do Brasil possuem cartunistas contratados, alguns com algumas décadas de serviços prestados àquele grupo editorial. Esse padrão é bastante similar ao modelo das publicações estadunidenses. Como pode ser observado ao fazer uma breve verificação no site Cagle.com, o mais importante repositório de charges dos Estados Unidos atualizado diariamente com centenas de charges publicadas nos mais diversos jornais dos Estados Unidos e Canadá.

Ao visitar sites como *Cartoon Movement* ou *Cagle.com*, não será difícil encontrar, inclusive sessões dentro do próprio site, com charges que remetem a temas religiosos, mesmo em nações tradicionalmente ou historicamente de maioria católica como Itália e Portugal ou islâmicas, como Turquia e Egito. No entanto, ao fazer um levantamento das charges publicadas de cartunistas brasileiros, a temática desaparece, ou, quando aparece, surge disfarçada. Enquanto na Itália é comum cartunistas

publicarem em grandes jornais charges criticando a igreja Católica sobre casos como pedofilia ou ainda o descaso da igreja Católica com os pobres na África.

No Brasil, um país historicamente de maioria cristã católica, é raro, ou simplesmente não existem publicações em grandes jornais dessa temática. Assim, o assunto é tratado pelos jornais, mas não é permitido ridicularizá-lo fazendo uso da ironia presente na charge.



Charge de Giacomo Cardelli publicada no site [Cartoon Movement](#).

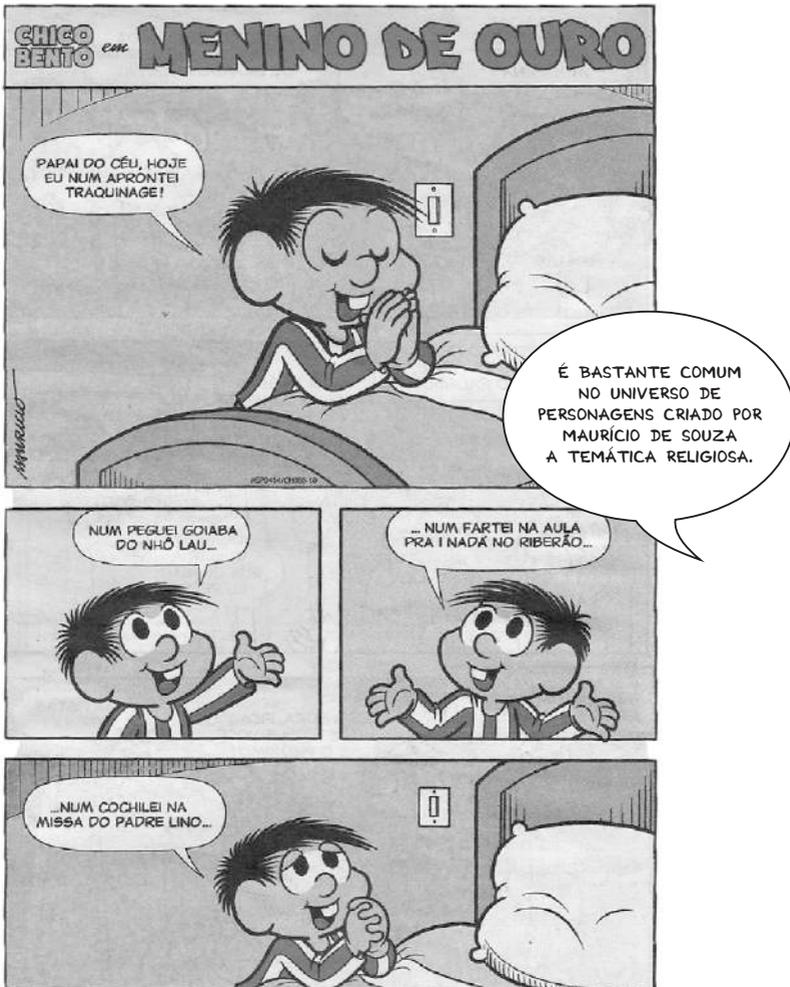
No entanto, quando feito uma busca na Internet sobre charges com essas duas temáticas, encontraremos uma diversidade muito grande de charges publicadas não em grandes periódicos, mas em pequenos jornais independentes, geralmente publicados apenas na Internet. Isso mostra que no Brasil o tema é tratado, existem publicações neste sentido, no entanto, por uma questão de mercado, segundo o Censo realizado pelo IBGE em 2010, 86.8% da população brasileira, é evangélica ou católica.

No Brasil alguns roteiristas e cartunistas têm-se destacado no cenário internacional dos quadrinhos, mas obviamente, nenhum se iguala a Maurício de Souza. Sua principal personagem é uma menina de 7 anos de idade. Mônica, criada em 1963 como personagem coadjuvante nas tiras do Cebolinha publicadas em jornais do interior de São Paulo.

Maurício de Souza criou todo um universo para seus personagens. Entre eles a Turma do Chico Bento. Ao analisar as histórias do personagem Chico Bento, é possível perceber uma forte conotação religiosa no texto. Interjeições como “vixi Maria!” ou “cruz credo” são comuns aos personagens ambientados ao interior paulista, além da constante aparição

de personagens do folclore brasileiro, como os da turma do Papa-Capim, um pequeno indiozinho habitante da Amazônia.

Uma outra série de Maurício de Souza, a Turma do Penadinho, apresenta personagens não humanos, mas espíritos, almas, fantasmas e vampiros, mais uma vez, remetendo a um universo permeado de religiosidade. Por fim, seu personagem onde essa característica pode ser bastante explorada é Anjinho, ou Ângelo Ceolino, um menino que virou anjo e protege os outros personagens da Turma da Mônica.



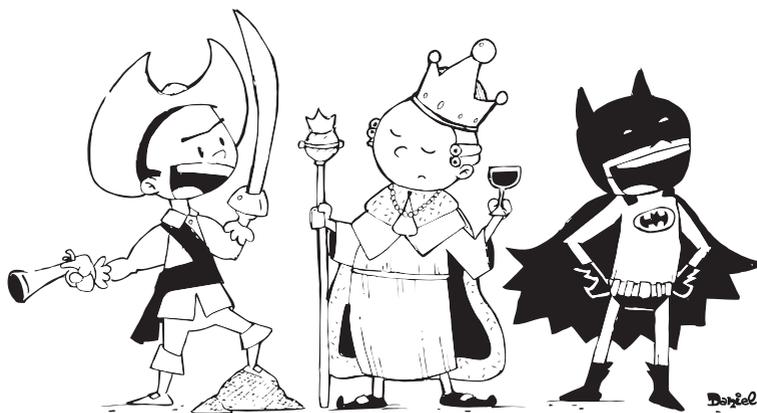
A 'tradição' de rezar antes de dormir é representada em história da edição Nº 88 de Chico Bento.

Também o número de traduções de obras é bastante amplo. O ponto fraco aqui ainda é o preço das publicações traduzidas. Mas livros como *Persépolis*, da autora iraniana Marjane Satrapi, onde ela faz uma autobiografia em quadrinhos e relata sua experiência como menina na Revolução Iraniana, e a inserção do islamismo como religião obrigatória ou ainda o clássico dos quadrinhos escrito por Art Spiegelman, *Maus*, vencedor de um prêmio Pulitzer, que no formato de jornalismo em quadrinhos relata a prisão de seu pai em um campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra Mundial e a questão do antissemitismo.

Agrega-se a isso a presença dos quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que aparecem pela primeira vez no PCN de Língua Portuguesa (2008, p. 72), onde os quadrinhos são classificados no quadro de Gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita. E também no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que desde 2006 inclui histórias em quadrinhos em seu acervo.

04. ensinando com quadrinhos

Difícil... não impossível.



As histórias em quadrinhos foram em grande parte dos últimos 100 anos, consideradas uma subliteratura e uma arte que não era considerada como tal. O maior mercado editorial de quadrinhos foi duramente atingindo na década de 1950 quando Frederick Wertham publicou seu livro *Seduction of the Innocent*, dezenas, senão centenas de títulos foram recolhidos e as publicações passaram a seguir um manual de conduta criado pelo Senado estadunidense com a Subcomissão da Delinquência Juvenil que proibia alguns conceitos e vocabulários, restringindo a trabalho que por meio século havia se desenvolvido.

Apenas após a década de 1990, quando o cinema começa a investir na transposição dos personagens clássicos dos quadrinhos, alguns deles desconhecidos para o público fora dos Estados Unidos, que a indústria dos quadrinhos se recupera. Essa busca do cinema, uma arte já estabelecida



Wertham foi o responsável pela ideia de considerar Batman e Robin um casal homossexual.

na academia, pelo universo das histórias em quadrinhos, elevou o conceito acadêmico e popular em torno desse tipo de publicação.

Grandes livrarias passaram a reservar espaço amplo e de destaque para as publicações do tipo, assim como o surgimento de novas editoras e selos editoriais, como a tradicional editora Companhia das Letras, no Brasil, que criou um selo exclusivo para essas publicações, a Quadrinhos na Cia. No site Guia dos Quadrinhos há o registro de 910 editoras com publicações em quadrinhos apenas no Brasil, além de 66 trabalhos acadêmicos entre monografias, dissertações e teses.

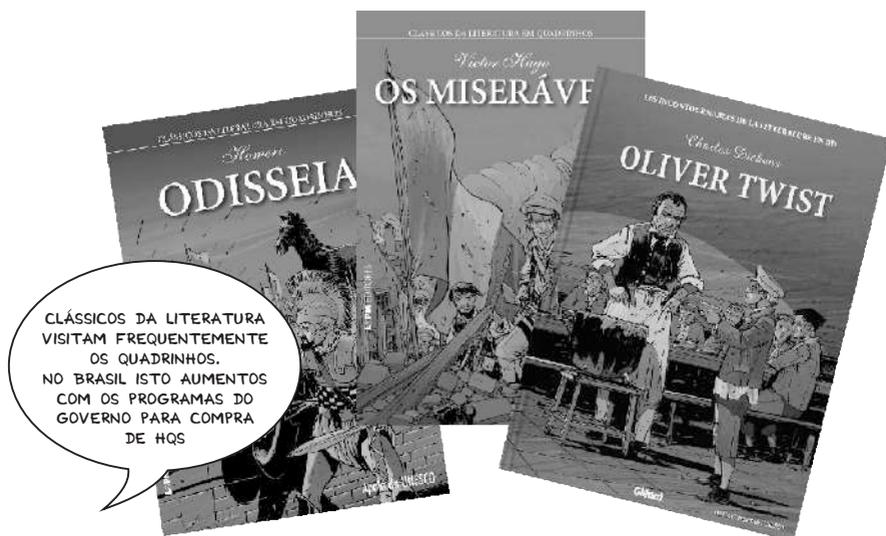
Ao verificar os trabalhos acadêmicos na área da Educação e História em torno dos quadrinhos, o que se vê é um amplo trabalho para uso das histórias em quadrinhos como recurso para ensino/aprendizagem de forma bastante ampla. Inicialmente os trabalhos apontam as vantagens do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula. Trata-se de uma mídia amplamente conhecida pelo público infanto-juvenil e de leitura mais facilmente absorvida por crianças e adolescentes. Em seu livro “História em Quadrinhos na Escola”, Calazans cita uma pesquisa realizada pela revista Nova Escola em 1988 que afirmava que 100% dos alunos

entrevistados preferiam quadrinhos a outros tipos de leitura (CALAZANS, 2008, p. 10). Ainda que nesses últimos 26 anos a cultura tenha se modificado significativamente, principalmente com o advento de tecnologias que revolucionaram o cotidiano como a portabilidade da informação via *smartphone*.

O mercado editorial de quadrinhos nunca foi tão grande, nunca alcançou um público tão extenso e ao contrário de outras mídias que perderam espaço para a mídia virtual, a mídia impressa dos quadrinhos fez uso da intensa globalização da informação para massificar sua distribuição e ampliar seus horizontes e mercado consumidor.

Este modelo literário ainda tem forte apelo no público em idade escolar, como crianças e adolescentes. Sua linguagem é simples, as imagens traduzem o texto e vice-versa, o formato sequencial dá a sensação de temporalidade o que facilita o desenvolvimento do leitor enquanto lê o texto e a linguagem utilizada é sempre bastante acessível.

O sucesso dessa mídia deve-se ao fato de que, o mercado editorial soube orientar sua busca por novos roteiristas e cartunistas. O super-herói não foi abandonado, mas suas histórias de vida tornaram-se mais complexas e a própria mortalidade os alcançou. A temática das histórias em quadrinhos foi profundamente desenvolvida nos últimos 20 anos. O super-herói casto que salva a mocinha virgem não é mais o modelo de herói dos quadrinhos, mas o mutante que sofre preconceito e exclusão social em uma sociedade que não sabe conviver com as diferenças.



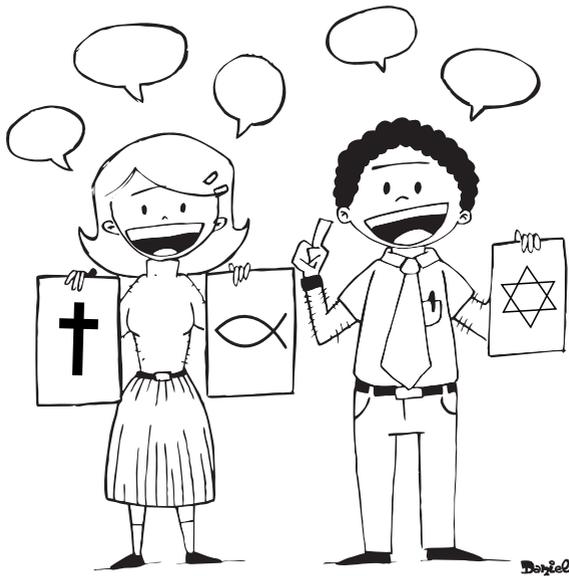
Machado de Assis, Homero e Júlio Verne foram alguns dos autores que tiveram suas obras transformadas em quadrinhos.

Trabalhos na área de História têm buscado enfatizar o uso das histórias em quadrinhos como suplemento para conteúdos tradicionais do currículo de História. Na última década algumas dezenas de publicações nacionais tomaram espaço nas aulas não com novos conteúdos, mas com antigos textos agora revisitados por outro tipo de literatura. Machado de Assis, Lima Barreto ou Eça de Queiroz são “reescritos” sob uma nova perspectiva, a imagem antes um fruto do imaginário do leitor agora é traduzido em ilustrações sequenciadas por cartunistas. O mesmo já acontecia com grandes obras literárias universais, como Dom Quixote de Cervantes ou Macbeth de Shakespeare.

Basicamente, tem-se utilizado histórias em quadrinhos ambientadas em algum período histórico e contextualizando a história a utilizando como instrumento para gerar maior interesse nos alunos em estudar a disciplina. É comum ver em alguns livros com metodologias para uso de histórias em quadrinhos, ver exemplos com os livros de Asterix para contextualizar a “aula de Roma Antiga”. Se considerarmos apenas esse uso mais popular dos quadrinhos em sala de aula, veremos um grande avanço nos últimos anos, quando anteriormente utilizavam-se apenas charges e pequenas tiras apenas para ilustrar textos ou atividades complementares. No entanto Meneses critica o apenas “iluminar as imagens com informação histórica externa a elas, e não produzir conhecimento histórico novo a partir dessas mesmas fontes visuais.” (MENESES, 2003, p. 20). Logo, conforme esta afirmação, é possível fazer mais em sala de aula utilizando histórias em quadrinhos.

05. história das religiões não é ensino religioso

Chamem um professor... deixem o padre e pastor na igreja.



Uma confusão comum entre os diretores e coordenadores de escolas, públicas e privadas, é que história das religiões é “conteúdo” de ensino religioso. Parte desse pensamento parte muitas vezes de um próprio preconceito do professor de História, que não raras vezes, enxerga a Religião da mesma forma que os livros didáticos apresentam, em pequenos quadros explicativos secundários à margem do texto principal em questão. Ainda existe o importante fator de tradição religiosa. Se pensarmos no apenas no contexto brasileiro, onde não é incomum escolas públicas com nome de religiosos e santos cristãos, o que dificulta a separação de ensino de História das Religiões do Ensino Religioso:

O ENSINO DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES É FREQUENTEMENTE CONFUNDIDO COM O ENSINO RELIGIOSO, ABORDADO ATRAVÉS DE DOGMATISMOS DE CRENÇAS, FUNCIONANDO COMO UM REFORÇO DE FÉ, UMA CATEQUESE OU INSTRUÇÃO CONRMATÓRIA. INDEPENDENTEMENTE DO CARÁTER CONFESSIONAL OU NÃO DA INSTITUIÇÃO, A EDUCAÇÃO BÁSICA RECEBE AS INFORMAÇÕES RELIGIOSAS COM O OBJETIVO DE CONRMAR AS CRENÇAS DE UMA DETERMINADA VERTENTE. (LIA, 2012, P. 552)

É necessário portanto, diferenciar o ensino de História das Religiões do Ensino Religioso. O Ensino Religioso é uma disciplina facultativa instituída por lei. O ensino de história das religiões deve estar integrado ao conteúdo de História, servindo não apenas como ilustração “cultural” de sociedades como visto e apresentado erroneamente nos livros didáticos, mas como parte conectada ao restante do conteúdo. O estudo da religião é importante para a compreensão da economia e da política no Egito Antigo e na Idade Média, no entanto, professores de História têm a tendência a legar ao estudo da religião apenas “exótico de uma civilização” (LIA, 2012, p. 551).

Quadrinhos são uma excelente ferramenta para mostrar ao aluno sua proximidade da sociedade com a religião. Traços religiosos, símbolos e discursos são encontrados em diversos quadrinhos, mesmo naqueles que não parecem apresentar nenhuma ligação com a temática. A maioria dos livros de histórias em quadrinhos publicados pelo FNDE/PNBE são adaptações literárias nacionais e estrangeiras, em sua grande maioria, obras publicadas entre os séculos XV e XX e fruto de autores imergidos em sociedades bastante religiosas, como *Os Lusíadas*, de Luíz Vaz de Camões, publicada pela primeira vez em 1572 e que já ganhou algumas versões em quadrinhos, assim como outros clássicos como *A Divina Comédia*, escrita no início do século XIV pelo italiano Dante Alighieri ou *Macbeth* (1603 – 1607) do dramaturgo inglês William Shakespeare.

A imagem dos quadrinhos criada pelo aluno ou professor, pode apresentar estereótipos que podem ser interpretados como signos ou símbolos de uma representação religiosa, por exemplo. Essa representação, muitas vezes grotesca ou pitoresca, é parcial em relação a como o aluno ou professor constroem o outro, no entanto, auxiliam na compreensão da visão que o desenhista em questão apresenta sobre determinado assunto. Ulpiano Meneses ressalta que “O campo de estudos da cultura visual (...), pode me muito beneficiar o historiador e enriquecer consideravelmente o conhecimento que ele deve produzir” (ULPIANO, 2003, p. 27). E é nesse

ponto que encontramos suporte para esta proposta de modelo didático de ensino de História das Religiões. Quadrinhos, como uma representação visual, pode enriquecer o conhecimento produzido por alunos e professores nas aulas de História das Religiões, auxiliando na compreensão do tema.

Ao falar de História das Religiões o educador deve ter claro que seu papel não é fazer proselitismo ou comparações entre as diferentes religiões, mas buscar, além do conhecimento, o acordo e a tolerância entre as diferentes cosmovisões religiosas. O papel do professor é ser um mediador, não um “vendedor” de sua ideologia ou teologia.

06. e agora... é só desenhar?

O que vamos fazer em sala de aula.



O objetivo final deste livro é apresentar um método de ensino-aprendizagem para uma ferramenta que, devido ao crescente mercado e interesse, tanto de educadores como governamental, tem progressivamente obtido mais espaço na sala de aula, mas que, nessa proposta, pretende abordar um tema relativamente novo: História das Religiões.

O número de publicações com metodologia de trabalho com revistas em quadrinhos no Brasil não pode ser considerado pequeno. Além das publicações tradicionais como revistas acadêmicas e livros de editoras universitárias, como já foi posto anteriormente, grandes editoras têm apostado neste mercado e não tem restringido suas publicações apenas as histórias em quadrinhos, mas também a escritores que abordam a temática.

O processo de ensino pode ser conceituado como a relação do professor e aluno que é caracterizada por um processo onde, o professor é responsável por produzir ou reproduzir uma série de atividades norteadas por um currículo (matérias) e repassar ao aluno. Sob a orientação deste professor o aluno deve atingir objetivos de forma progressiva. No entanto, estes objetivos só serão alcançados se o professor, em sua fase de planejamento tiver claro para si, quais são os objetivos, métodos e como será organizado todo este conteúdo.

Quando fala-se em método, aborda-se diretamente a relação que acontece entre o objetivo e o conteúdo. Isto é, o professor para alcançar determinados objetivos precisa traçar um mapa de ações que serão desenvolvidas. Neste caso em específico, o nosso conteúdo é a 'História das Religiões' e nosso meio são as 'Histórias em Quadrinhos'.

O método é a forma que usamos para atingir um objetivo, e o método exige planejamento, e isto pode ser traduzido em investigação e pesquisa científica. No entanto, o objetivo deste trabalho não é criar uma ferramenta com o objetivo de transformar professores de História em profissionais em arte sequencial ou especialistas em História das Religiões. Não é nosso objetivo que ao final da leitura deste trabalho professores queiram se tornar ilustradores ou cartonistas, mas, de verem nesta arte uma possibilidade a mais das que já são recorrentes em livros que trabalham o ensino de História com o uso dos quadrinhos.

Libâneo, afirma que o “professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino, (...) utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos” (2013. p. 165), a isto damos o nome de métodos de ensino. No entanto, “produzir” um método não é simplesmente uma atividade mecânica com procedimentos desvinculados de concepções sociais e pedagógicas. Um método de produção de histórias em quadrinhos dentro da sala de aula não pode ser resumido ao formato da página, a distribuição dos balões com as falas ou da qualidade artística do desenho.

É necessário o professor ter em mente que o método tem como meta atingir os objetivos propostos, portanto, ele deve cumprir seu papel na discussão das relações sociais que se pretendem discutir, nas práticas humanas etc. O método irá propiciar, conforme expõe Libâneo “a descoberta das relações entre as coisas que se estudam” (2013. p. 166). O método consiste em ver o objeto do estudo, neste caso a História das Religiões, na sua relação com a prática social, por exemplo, para que a apropriação deste conhecimento não seja inócua, mas, tendo sua razão de ser pela ligação que faz com o cotidiano e com o objetivo da transformação social.

Percebe-se imediatamente que o método não pode estar dissociado do objetivo. O método, logo, para as diferentes abordagens que utilizaremos como atividades (método), temos que ter anteriormente claros, quais são os objetivos que se deseja que o aluno atinja. Entende-se que a educação contemporânea precisa visar que o processo de assimilação de conhecimentos e habilidades do aluno tem como objetivo ampliar sua compreensão da realidade social para que tornem-se partícipes das necessárias transformações compreendendo e refletindo sobre essas realidades.

Logo, não se trata apenas de desenhar histórias em quadrinhos ou de “falar” sobre religiões. Este trabalho não teria nenhum motivo de existir se seu objetivo se limitasse a produção de histórias em quadrinhos pelo simples prazer de produzi-las. Ou de desenhar pelo simples prazer, para alguns tortura, de desenhar. Não faz nenhum sentido que preconceitos e estereótipos religiosos sejam reforçados em sala de aula, antes, que eles sejam desmistificados e que o aluno (e o professor) possam na sua busca e ampliação de conhecimento, encontrar as raízes dessas diferenças, da intolerância e do medo em relação ao outro.

Uma outra questão é a que um método necessita de algum capacidade de assimilação por quem o usa. E aqui entra, entre outros, um motivo para a escolha de histórias em quadrinhos. Um professor pode até afirmar que não tem familiaridade com este tipo de material, mas certamente ele em algum momento de sua vida foi um leitor, ainda que mediano ou esporádico, de histórias em quadrinhos. A ideia de que um material que nunca foi usado para o ensino não serve, é ultrapassada. É necessário lembrar que no passado educadores enxergaram o cinema como uma arte pouco nobre para a educação, e a TV e o vídeo game como inimigos da educação formal. Nos últimos anos, no entanto, são ferramentas utilizadas em centros de ensino de excelência, pois novas leituras de uma ferramenta possibilitaram novas aplicações.

Para um aluno, a leitura de quadrinhos é de assimilação fácil. Obviamente, cabe chamar atenção neste momento, que o professor precisa ficar atento ao material que escolhe e dispõe ao aluno. Existe ainda uma resistência em alguns professores em separar o que é material bom e material ruim, não pelo aspecto pedagógico, mas por simples preferência pessoal. Um exemplo clássico nos quadrinhos, é a resistência em relação as histórias de super-heróis. No entanto, a fantástica personagem Mafalda do cartunista argentino Quino, pode ser confusa para um aluno de 9º ano, se não for posta em seu contexto histórico de ditadura militar latina do século XX, e talvez, trabalhar preconceito e discriminação torne-se mais fácil para o professor e mais prazeroso para o aluno, com os *X-Men*.

Quanto ao método, ainda podemos afirmar que ele será definido pelo conteúdo. Então porque não usar a Bíblia ou o Alcorão para estudar a História das Religiões. Pelo motivo já exposto no capítulo anterior. Não se trata de ensino religioso, nosso objetivo não é que aluno seja um conhecedor dos acordos religiosos ou de suas doutrinas. Uma série de métodos poderiam ser aplicados e que teriam resultados igualmente bons, isto é, atingiriam seus objetivos. No entanto, poucas ferramentas a disposição do ensino fornecem ao professor o *feedback*, ou a resposta que realimenta o transmissor (professor) com informações que podem leva-lo a melhor avaliar aquela atividade.

Alguns passos são no entanto necessários para que um método tenha sucesso na busca de seu objetivo. A prática docente de apenas “passar conteúdo” e “passar temas de casa” não faz mais nenhum sentido na educação. O professor antes das atividades precisa fazer a sua busca e ampliação de conhecimento da matéria. Ele não precisa ser um teólogo em conhecer a religião, mas é inaceitável que os estereótipos pejorativos de cristianismo ou judaísmo norteiem sua produção. É necessário ter a certeza de que não levará aos seus alunos uma matéria que nunca viram e portanto não possuem nenhuma afinidade. Colocar de forma clara em seu planejamento que se trata de uma atividade que faz parte da relação objetivos-conteúdos de sua disciplina, e que não se trata de uma atividade para “matar o tempo”.

É necessário também que seja possível traçar uma relação entre aquilo que o aluno produz e aprende em sala de aula com a prática. O objetivo de estudar a História das Religiões certamente não é criar uma hierarquia entre elas e apontar os pontos positivos e negativos para depois criar um ranking de qual a melhor e qual é a pior. Parece lógico isso, mas uma atividade desenvolvida em sala de aula não visando uma aplicação prática no cotidiano do aluno pode gerar esse tipo de análise e resultado. O conhecimento não pode ter como objetivo apenas a organização temporal de acontecimentos ou explicação de fatos, mas necessita levar o aluno a refletir para que seja um agente transformador nas relações sociais.

O professor pode facilitar essa assimilação quando ele provoca o aluno a criar vínculos entre aquilo que ele aprende e produz na sala de aula com sua vida fora da escola. Ao questionar um aluno não muçulmano sobre o que ele pensa sobre o Islã, ele provavelmente poderá dar uma descrição dos estereótipos divulgados pela grande mídia, e a sua produção visual (o desenho) será de um “homem-bomba”. Ou ainda, ao perguntar a um aluno católico como ele representaria um evangélico, e essa representação gráfica poderia ser um homem de terno com uma grande Bíblia embaixo do braço.

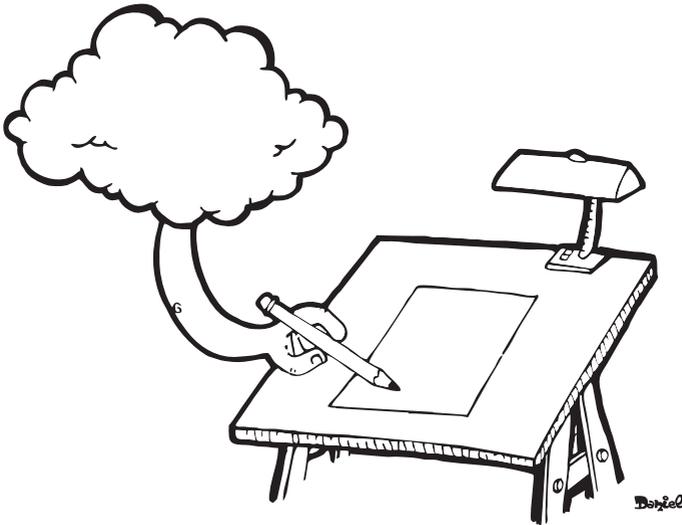
Seguindo a essas descrições, o aluno poderia então ser confrontado em ter de explicar, isto é, fundamentar porque representa dessa forma um indivíduo ligado a determinado credo religioso. E utilizando a sua produção gráfica – a história em quadrinhos – que seus conhecimentos são resultado de informações anteriores, que nem sempre são corretas, mas que hoje servem para construir aquela imagem, o despertando a refletir sobre a necessidade de rever conceitos e adquirir novos conhecimentos.

O professor necessita participar ativamente das atividades com os alunos. Um educador não pode ser apenas um observador do que acontece em sala de aula, e posteriormente as atividades ser apenas o que atribui notas. O professor precisa ser aquele que irá não apenas esclarecer ao aluno qual o objetivo daquela atividade, partindo do princípio que para a maioria dos alunos desenhar é lazer e não aprendizado, e também da importância que é obter e ampliar o conhecimento a respeito de outros assuntos, mais uma vez, partindo do princípio que muitos alunos quando se fala em religião imaginam ser isto parte de uma outra disciplina.

O docente também precisa provocar o aluno para que ele possa enxergar na sua produção seu prévio conceito (pré-conceito) e lhe proporcionar os meios para que ele possa explicar, concluir e defender ou abandonar seu posicionamento. As questões do professor devem ter como objetivo o confronto de ideias e o estímulo para a solução de problemas que fujam do tradicional. Novos desafios para novos problemas.

07. atividades

Mãos à obra... digo, cérebros à obra.



Neste capítulo faremos uma série de sugestões de atividades para sala de aula. São apenas sugestões, mas algumas dicas são uteis para todo tipo de atividade. A primeira é que o professor precisa ter a consciência de que é necessário pesquisar, não se trata de uma atividade menor, mas de uma atividade que visa produzir conhecimento, portanto, arregacem as mangas e despertem os neurônios. Segundo, leia, sempre que possível, histórias em quadrinhos, a familiaridade com a ferramenta lhe proporcionará maior tranquilidade e segurança na hora da atividade.

As atividades precisam ser um momento de aprendizado, mas isso não significa ausência de prazer ao realizá-la. Um professor motivado com as atividades e temas que desenvolve pode contagiar os alunos e tornar todo o trabalho mais proveitoso e com grandes possibilidades de êxito.

Atividade 1

O que é Religião?

Para esta primeira atividade, como para todas as outras, é necessário um preparação inicial. A preparação aqui será buscar na internet sinônimos para Religião, seu significado linguístico, histórico e social. Isto é importante pois começa a despertar no aluno a ideia de sobre o que ele vai desenhar ou escrever. A reprodução do aluno provavelmente será muito mais carregada de seus conceitos já pré-concebidos a respeito do tema, do que pelas novas informações que lhe forem repassadas. No entanto, estas informações servirão para dar um norte em sua atividade e guiá-lo pelo caminho do produzir conhecimento.

OBJETIVO

conhecer os conceitos de religião e os pré-conceitos construídos pela sociedade.

ATIVIDADE

produzir uma pequena tira em quadrinhos (charge ou ilustração), que represente a ideia de o que é Religião.

CONHECIMENTO

comparar os conceitos linguísticos, históricos e sociais de Religião com as representações criadas pelos alunos.



Se fizermos uma pesquisa do significado linguístico da palavra Religião, o que obtemos como resposta (entre muitas), é que o termo significa “religar”. Isto é, fazer uma nova conexão entre o homem e a deidade. Como alguns conceitos sociais podemos citar também que é comum encontrar como exemplo o fato de Religião significar “crença” ou “fé”. Na tira do cartunista Laerte, o que vemos é um homem fazendo de forma cômica, essa “religação” com Deus. A tira também mostra um (pré)conceito do homem quanto a sua relação com este deus. Ele está em um lugar mais alto, distante do homem e portanto é necessário um grande esforço (empilhamento de escadas) para chegar até ele.

Atividade 2

Estereótipos

Sempre que fazemos uma construção, partimos de conceitos pré-formulados. Ao criar uma representação gráfica de alguma coisa, como por exemplo, um gato, vamos buscar em nosso arquivo mental o que é um gato, se ele tem ou não rabo comprido, bigodes, quantas patas, incluímos muitas vezes acessórios a esta representação, como uma caixa de areia, um novelo de lã ou uma almofada. Toda esta construção é fruto de nossos conceitos do que um gato.

Talvez, pedir a um brasileiro que desenho um ornitorrinco torne-se algo extremamente difícil se ele não tiver nenhuma ideia da aparência deste animal, e se tiver uma noção da aparência, possivelmente deixará de fora os acessórios, por não estar familiarizado com os “aspectos da vida do ornitorrinco” tal qual está em relação aos gatos. Quando sugerimos que um aluno represente um religioso, seja qual for a religião, ele provavelmente irá buscar em seus arquivos as imagens que remetem a este pessoa, a freira com seu hábito negro, o muçulmano com seu turbante, o “crente” com a Bíblia embaixo do braço. Percebemos que essas construções são feitas muitas vezes com o uso desses acessórios, a Bíblia, a “bomba”, o hábito ou o crucifixo.

OBJETIVO

compreender e analisar representações gráficas que os alunos fazem de determinados grupos religiosos.

ATIVIDADE

produção de uma história em quadrinhos onde aconteça um diálogo entre um cristão e um muçulmano.

CONHECIMENTO

observar como os personagens são construídos e solicitar aos alunos que descrevam como realizaram essa construção e quais foram as suas referências.

A atividade parece simples, mas pode se tornar bastante complexa porque os alunos terão de desenhar e escrever uma HQ. Isso significa que os estereótipos não estarão apenas na representação gráfica, mas também estarão presente, ou podem estar presentes, no texto escrito, como linguagem ou sotaques. O professor deve ser então o que irá orientar esta desconstrução para chegar as bases de onde o aluno ergueu a sua representação de um cristão ou muçulmano.

Atividade 3

Observação

Uma atividade bem comum envolvendo histórias em quadrinhos são os exercícios de interpretação. Prefiro chamar de exercícios de observação. Ao observar e anotar o que em uma imagem, o aluno pode ser mais capaz de interpretá-la tendo em suas mãos elementos escritos do que enxergou.

Na imagem abaixo, uma charge do cartunista italiano Giacomo Cardelli apresenta uma crítica a atuação da igreja católica na África durante o papado de Bento XVI.



O primeiro passo é solicitar ao aluno que descreva a imagem.

Vamos propor uma lista de itens: um papa, meninos, a cruz, e um aspersório de água benta (talvez um item desconhecido).

Partindo desta lista podemos criar perguntas que irão instigar o aluno a ampliar ou melhor, aprofundar a sua visão sobre a imagem: “de que cor são esses meninos?”, “como o papa está vestido e como os meninos estão vestidos?”, “o que você acha que eles deveriam estar recebendo? Apenas água? Apenas umas gotas de água?”

OBJETIVO

verificar a amplitude do conhecimento e da assimilação do conteúdo.

ATIVIDADE

análise de uma charge ou história em quadrinhos com a temática religião.

CONHECIMENTO

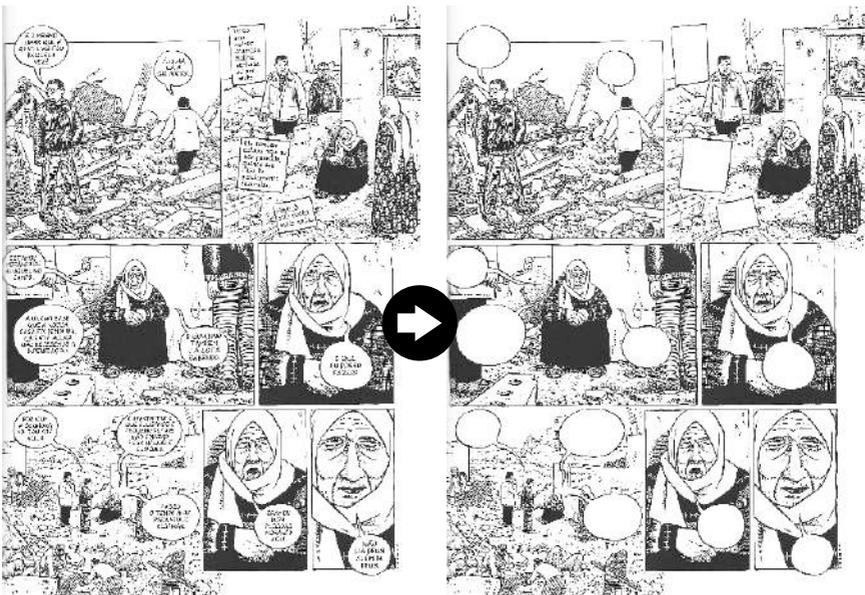
aprofundar a capacidade de ler a representação gráfica e ser capaz de interpretá-la e a por em discussão, refletindo sobre o que ela representa.

Atividade 4

Nada é o que parece

Esta atividade busca provocar no aluno seu senso imaginativo a partir de imagens pré-concebidas. Isto é, por meio de um roteiro de imagens proposto pelo professor, o aluno cria um texto escrito que melhor encaixe com aquele texto gráfico.

Como exemplo para esta atividade vamos utilizar uma página do livro *Notas Sobre Gaza* do cartunista e jornalista maltês Joe Sacco. Vemos o jornalista juntamente com seu guia visitando um prédio que foi destruído pelo exército israelense e que termina com a entrevista de uma ex-moradora do local.



O professor com o texto original discute com os alunos como fizeram a construção de seus textos e que elementos nas imagens orientou o roteiro que eles criaram.

OBJETIVO

desenvolver o senso crítico e de significado.

ATIVIDADE

criar um roteiro para uma história em quadrinhos já desenhada.

CONHECIMENTO

demonstrar ao aluno a necessidade de buscar sempre mais informações para construir seus conceitos.

referências bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. www.fnde.gov.br

CARTOON MOVEMENT. www.cartoonmovement.com

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos In.: Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, 2012, pág. 171-193.

EISNER, Will. Narrativas Gráficas. São Paulo: Devir, 2005.

_____. Quadrinhos e arte seqüencial. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIA, Cristine. História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens. AEDOS. Porto Alegre. PPGH-UFRGS, n. 11 vol. 4 - Set. 2012.

LIA, Cristine; RADÜNZ, Roberto. Os monoteístas no mundo contemporâneo: judeus, cristãos e muçulmanos. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá. ANPUH, v. V, n.15, jan/2013.

LIA, Cristine; BALEM, Wellington. Os vivos, os mortos e os não nascidos: as religiões consideradas mortas e o ensino de história Revista Latino-Americana de História. PPGH-Unisinos, v. 2, n. 6, São Leopoldo, 2013.

LIBÂNEO. José Carlos. Didática São Paulo: Cortez, 2013.

MENESES, Ulpiano. Fontes visuais, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 45, 2003.

RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Revolução do gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil. São Paulo: Devir, 2012.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Maurício de. Menino de Ouro. Chico Bento. Barueri: Panini Comics Brasil, Nº 88. 2014.

SPIEGELMAN, Art. Maus: a história de um sobrevivente. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela (Org.) Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2012.

agradecimentos

Agradeço a Deus que esteve ao meu lado... inclusive quando todos os psicólogos que contratei durante meu mestrado me abandonaram;

Agradeço a minha esposa, linda de morrer... que mesmo sem entender bem a importância do que eu fazia me apoiou e suportou meu humor gangorra;

A meus pais que sempre foram conselheiros... inclusive me aconselhando a fazer algo útil da minha vida;

A minha orientadora no mestrado Cristine Lia... que deve ter se acostumado com meus prazos elásticos;

Aos meus amigos, que sempre mentiram para mim dizendo que queriam ler meu livro depois de pronto. Eu sei que era uma forma de me apoiar;

Ao Netflix, por proporcionar filmes e séries por um preço que cabe no bolso de um historiador;

Ao George Lucas, por ter criado o universo Star Wars e ao J. R. R. Tolkien, pelo Senhor dos Anéis;

Ao Stan Lee, pelos heróis da Marvel e ao Maurício de Souza, pelo Cebolinha e Chico Bento.

Aos meus colegas de mestrado, que me suportaram por três semestres, e deviam dar graças a Deus (mesmo os ateus), quando eu faltava;

A John Pemberton, por inventar a fórmula do melhor removedor de ferrugem e antidepressivo já criado pelo homem.

... e a Laura, minha filha muito fofa, que nasceu quando eu concluía este trabalho e que me proporcionou desenvolver novas habilidades.



Daniel

2015

livro produzido em papel reciclado.